



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
End. telegr. Zalhaca—Lisboa • Telefone: 7  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# ABATALLA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O patriotismo "deles"  
ou  
um negócio da China

## O QUE É A PROJECTADA NEGOCIATA DOS NAVIOS

Não era nada; era só isto: um lucro de cinquenta mil contos num ano para um grupo financeiro a quem o Estado cederia quasi de graça a sua frota mercante, e um ganho de trinta mil contos para a Companhia Nacional de Navegação pela venda da sua sucata avaliada em seis mil contos!

Ora venha de lá esse bistrui para esculpir mais esta manifestação canosa da corrupção de carácter do capitalismo patriota.

Os camaradas têm ouvido falar da projectada operação financeira da frota mercante do Estado, e repararam, sem dúvida, na especial insistência do sr. S. Cardoso para que o Parlamento discutisse a proposta do seu governo sobre o assunto, tendo-a em primeiro lugar na lista dos projectos que o seu governo considera mais importantes e mais urgentes; mas o que os camaradas não sabem é que consiste essa questão, por cuja solução tanto se empenhavam o sr. S. Cardoso, talvez de boa-fé, e a imprensa que defendia a sua política; mas o que as camaradas ignoram é que a proposta, para essa imprensa, a boa imprensa desse partido, e ignoram e sabem porque essa mesma imprensa nunca o disse ou explicou à massa popular e impenitentemente iludida dos seus leitores.

Há pouco tempo deviam os camaradas ter lido também, em três linhas dos jornais, que o relator por parte da Comissão de colónias da Câmara dos Deputados, sr. Velinho Correa, apresentava o seu relatório sobre as propostas dos banqueiros ao governo e do governo ao parlamento acerca da utilização da frota mercante do Estado, mas o que os camaradas também não conhecem é o que diz esse relatório, porque em torno dele a imprensa fez um muito significativo silêncio.

O deputado sr. Velinho Correa esclarece «A Batalha» sobre os intuitos e os resultados da projectada operação financeira para a economia do país e das colónias.

Pois é precisamente isto que os camaradas vão saber, relatado pelo próprio autor do estudo da proposta de lei do governo — o deputado sr. Velinho Correa, correligionário político do sr. S. Cardoso, presidente desse governo.

«O senhor, Velinho Correa é capaz e conceder-nos uma entrevista para a Batalha acerca desse célebre negócio dos navios? — perguntámos áquela de quando quando, conhecido, subia no elevador da Câmara.

— Eu dou essa entrevista para a Batalha como a daria para qualquer órgão da imprensa. Simplesmente o que houve foi um órgão da imprensa que se interessasse pelo assunto.

Pois estou às suas ordens.

— Agora? — Pois sim, agora mesmo. E dirigimo-nos para a sala, ao extremo dos Passos Perdidos, onde os deputados costumam receber as comissões que os procuram, uma vez sentados num dos bancos, o sr. Velinho Correa iniciou a entrevista com esta declaração textual: «A minha maior admiração é haver um jornal de Lisboa que me queira entrevistar sobre a questão dos navios, mas convenci-me de que toda a imprensa de Lisboa estaria interessada em fazer perpétuo silêncio sobre o meu trabalho».

Mais uma razão para a Batalha ter gosto em o ouvir e em publicar o que nos revelar. Duma maneira concisa e clara, o sr. Velinho Correa explicou-nos o que é esse tal negócio dos navios?

— É uma proposta da alta finança, do alto comércio e da alta indústria ao governo no intuito de explorar a frota mercante do Estado em termos que a primeira vista se não esclarecem, mas que no fundo são o seguinte:

a) um ganho certo de 40 a 60 mil contos para os Bancos e banqueiros intermediários da operação e dos signatários da proposta, ganho esse a realizar dentro dum ano por uma simples operação de Bolsa, isto é, de compra e venda de ações.

b) a transferência, para a nova sociedade a organizar-se, da frota da antiga Companhia Nacional de Navegação pelo preço de 37 mil contos, frota que figura no activo da mesma empresa com o valor de seis mil contos apenas.

c) ampla liberdade da futura sociedade de vir a dispor de 60 a 80 mil contos para a ventura para ficarem ao serviço da casa Furness como tem estado até aqui, com uma simples diferença: a de que até aqui era o Estado que ganhava alguma coisa com isso e agora serão os banqueiros, visto que a frota de 60 a 80 mil toneladas que deixaram de ser aplicadas na economia do país.

O que estão dizendo é uma sumária do meu relatório, apenas uma pílula

impressão do que consta do meu trabalho, em torno do qual se tem feito, como disse, perpétuo silêncio:

— Mas esses são os aspectos essenciais da questão, não é assim? — Não há dúvida. Mas como questão secundária aparece o facto de se pretender criar o monopólio da navegação e porventura até do comércio com as colónias em termos de ninguém mais poder fazer comércio com a África, fora da órbita da poderosa sociedade cuja existência teria sido um facto sem a minha intervenção e de alguns amigos raros.

O estudo da questão revelou ao deputado entrevistado tanta baixeza de carácter do alto mundo político e financeiro, que o tornou um descrente na possibilidade de um ressurgimento nacional.

— E nesse contracto não se impunham nenhuma obrigação a essa empresa?

— Não tinha obrigações nenhuma. A ela ficava inteira liberdade de estipular os preços de tarifas e de passageiros. E tudo isto era feito recebendo a empresa a frota de graça quasi!

—!!! — É? Como lhe digo. O Estado recebia pelo aluguel de toda a frota, em vinte e cinco anos, quatro ou cinco vezes menos do que podia ganhar com ela num ano. Mas leia o meu relatório, que vai ser publicado no Diário do Governo a pedido dum deputado da oposição, o sr. Hermano de Medeiros. O negócio dos barcos tem aspectos verdadeiramente fantásticos que se não podem reproduzir numa entrevista de jornal.

«Basta que lhe diga que o negócio ia ser feito em termos tais que se arrancava o único proveito que Portugal trouxe da guerra — os barcos — e continuariam dependentes dos mesmos países e das mesmas empresas de que temos vivido até aqui. E ainda mais do que isso: realizado esse negócio afundar-se-ia para sempre a esperança, a ideia de Portugal vir a ter uma marinha mercante».

O sr. Velinho Correa rematou a sua entrevista acrescentando que não querendo ser acusado de crítico que não produz, ao mesmo tempo que fez um trabalho de crítica apresentou um contra-projecto tendo por base o concurso público e a defesa e a garantia dos interesses nacionais — contra-projecto esse que não teve, até agora, crítica de ninguém.

Durante a interessante palestra, o sr. Velinho Correa manifestou-nos claramente o abatimento do seu espírito, ficando nós a fazermos o conceito de que o nosso entrevistado é um democrata bem intencionado, sincero mas ignorante e muito absoluto — apesar de quantista dedicação — da questão social pois se assim não fora os motivos que deram causa ao seu desalento ter-lhe-iam impedido resolutamente para o campo socialista.

— Eu era um crente-confesso nos seus — no ressurgimento nacional, na reorganização do meu país. Mas estou desalentado. Esta questão dos navios revelou-me aspectos da ganância das classes que chego a convencer-me de que vivi em erro; revelou-me tais aspectos do que são os altos negócios das finanças que chego a descrever da possibilidade de fazer ressurgir o nosso país deste lamacento charco de corrupção, de egoísmos e de ganâncias.

**União dos Sindicatos Operários de Coimbra**

**Prevenção à organização operária de todo o país**

A comissão administrativa da U. S. O. de Coimbra previne a organização operária em geral de que, tendo convidado por duas vezes o ex-secretário deste organismo, António Tavares, operário gráfico, para apresentar as respectivas contas e haveres, este se recusou a comparecer. Em face da pouca honestidade deste indivíduo, para com a organização local, fica desde já avisado o operariado de todo o país de que este cavalheiro nada tem directa ou indirectamente com a organização local, dando a comissão administrativa qualquer explicação que lhe seja pedida pelos sindicatos.

A actual comissão administrativa só se responsabilizará pelo que diz respeito a este organismo do dia 5 de Janeiro de 1920 em diante, data em que tomou posse dos seus cargos.

Para adquirirmos a nossa Casa dos Trabalhadores, basta só vontade, porque para poder, o principal é querer.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

«A diminuição do respeito, não é o fenómeno por excelência da sociedade contemporânea? Eu vi, em outro tempo na Inglaterra atropelar-se as multidões para contemplar o carro vazio de um grande senhor. Com certeza não veria isso mais. Na Índia os páris detinham-se devotamente aos cento e quinze passos regulamentares que os separavam do orgulhoso brahman; agora, como nas estações se tem pressa, não há entre eles mais separações que o tabique da sala de espera. Os exemplos de baixeza, de arrastamento vil, não faltam todavia no mundo. Não obstante, há progresso no sentido da igualdade. Antes de prestar o seu respeito, pergunta-se se aquele homem ou aquela instituição verdadeiramente são respeitáveis; estuda-se o valor dos indivíduos e a importância das obras. A fé na grandeza desapareceu, a ali onde a fé não existe desaparecem por sua vez as instituições. A extinção do respeito implica, naturalmente, a supressão do Estado».

O que se acaba de ler, foi dito pelo sábio anarquista e eminente geógrafo Eliseu Reclus numa conferência sobre A Anarquia, pronunciada em 1894 ante a loja maçónica «Amigos Filantropos de Bruxelas», e aplica-se perfeitamente ao último acontecimento político, que, como dissemos, veio a demonstrar com suma suficiência que toda a força, toda a perseguição, toda a segurança dum governo se desmorona e alui perante a decisão de duas dúzias de homens».

A extinção do respeito pelo governo, pelos ministros, pelo chefe do Estado — traduzido pelo acontecimento político de ante-ontem — é um sintoma da morte próxima do Estado. Moralmente, ele já está morto. É certo que os manifestantes não quiseram conscientemente vizar o Estado. Mas zizaram-no com efeito. Revelou a falta de respeito pelos governos e pelos governantes, abalou o respeito dos que ainda os respeitavam e inclinou os que já não tem por eles muito respeito, a que os desprezitem.

Conhecem a fábula de La Fontaine das rãs e do pau? Conta-lhe-lhe em duas palavras para os que a não conhecem.

Sobre um agrupamento de rãs caiu de uma árvore um galho. Assustadas e doidas algumas sobre as quais o pau caíra, todas as rãs fugiram e puzeram-se a distância a olhar o pau com respeito e com temor. A imobilidade do pau, encorajou-as e aproximaram-se dele a pouco e pouco, até que, já bem próximas dele, uma mais atrevida, saltou-lhe para cima. O pau não se mexeu, e como as outras rãs vissem que a sua ousada companheira mal nenhum lhe sucedia, não tardou que todas se encavalitasssem no pau, acabando por brincar com ele. Havião perdido o respeito e com ele o temor.

Assim são os homens com o Estado. Já o temeram e já o respeitaram. Hoje, meio dúzia de ousados trepam ao ministério e dizem ao governo que saia.

E o governo sai. A diminuição do respeito é o fenómeno por excelência da sociedade contemporânea... Há progresso no sentido da igualdade... Presta-se respeito aos homens que o merecem e às instituições que são na verdade respeitáveis. A fé na força dos governos desapareceu e faltando-lhes essa fé os governos por sua vez desaparecem... A extinção do respeito implica, naturalmente, a supressão do Estado...

**Um Eldorado** O fundista do Século da noite de ontem estava isto:

A França, que fez a revolução, é hoje um país de calma, de sossego, de trabalho, que procura engrandecer-se e que tem em si a semente de produzir bem. As loucuras da população, ainda as melhor intencionadas, são substituídas pela ordem, a ordem nas ruas, a ordem nas oficinas, a ordem nos campos, a ordem sem a qual todo o esforço é vão, todo o trabalho é inútil, todas as dificuldades são invencíveis.

O artífice está na lua. Que nunca tivesse estado em França não admira. Os proventos mal chegam para o jornalista ir tomar banhos, em Setembro, no Dafundo. Mas que esse jornalista não leia os jornais estrangeiros é que é inexplicável.

Com que então a França é um Eldorado? Pobres leitores do Século!

**Para fechar** A scena passou-se numa colónia africana. O governador enquanto estava à espera de um comboio de negros condenados à morte; entrelinha-se fazendo paciências com um baralho de cartas.

O secretário interveio: — Senhor governador: estão ali doze negros que...

— Sim, sim, já sei. Fuzilém-nos. O governador continua jogando.

Passaram trinta minutos. Aparece de novo o secretário:

— Senhor governador, estão ali fora doze negros...

— Mas então? — Muito intrigado, o governador deixa as cartas, e informa-se.

Os primeiros doze negros eram uma comissão formada por chefes, que acudiam a render-lhe homenagem ao governador e a oferecer-lhe ricos presentes. Os seguintes doze negros eram os verdadeiros condenados à morte, que esperavam.

Em vista disto, perguntou o governador:

— Já mataram os primeiros? — Sim, senhor governador.

— Pois então ponham em liberdade os seguintes. É uma compensação.

O curioso do caso é que, em vista da execução de uns e da liberdade dos outros, os indígenas, loucos de alegria, levaram em triunfo pelas ruas da cidade o governador da colónia.

Oh! Sua Majestade a Justiça!

## DA ESPANHA QUE TRABALHA

### A Força contra a Razão

Lerroux e La Cierva, contra o operariado — Se a burguesia continuar a perseguir os sindicalistas, todos os instrumentos de produção serão destruídos

MADRID, 14

A besta que a burguesia e o capitalismo mundial tem dentro das suas entranhas, foi lançada contra os trabalhadores espanhóis, entre os quais procura cevar os seus instintos sanguinários e o seu apetite de maldade. A Catalunha, berço do civismo e da rebeldia dos trabalhadores da Confederação Nacional do Trabalho, organismo declaradamente revolucionário e único representante da luta de classes em Espanha e genuinamente operário, foi invadida pelo Atala que representa o poder governamental, praticando todos os horrores que o centralismo reaccionário lança contra o produtor quando este trata de viver a sua verdadeira vida e de reclamar e até exigir o seu direito à existência. No parlamento espanhol, viveiro de concupiscências e armazém de convencionalismos e logros convencionais, lançaram-se anátemas de todos os calibres e houve ameaças covardes contra os que produzem todos os delictes para esses homens que já mais souberam produzir algo de bom para a sociedade, onde o seu parasitismo é a base do mal-estar geral.

La Cierva, o vesânico, o traidor, a hiena sanguinária de 1908, rugiu a sua sede e sua fome de carne proletária e reclama o poder e que lhe deem liberdade absoluta, para que possa satisfazer tranquilamente e com prazer, entre os charcos de sangue operário, os seus apetites de besta, de corvo, de ruim e mau vampiro. Lerroux, aquele revolucionário que comia cruas as crianças e se encostava a canhões, tendo por cabeça uma bomba e por bastião um trabuco, hoje, que se vê deputado, rico, proprietário, comerciante, contratado geral de casas de jogo, mostra-se iracundo, rufião, traidor e covarde, mostrando-se tal qual é, atacando de flanco os trabalhadores de que sempre viveu e a custa dos quais fez uma carreira política e subiu com nome e dinheiro até ao capital que hoje tem, criando uma personalidade que não merece. Ele que foi um caudilho das massas ignoras, pede o extermínio dos sindicalistas e uma raziá geral contra os trabalhadores.

Mauro BOJATIERRA

## Vida cara e difícil

Em Oliveira de Azemeis

Energia atitudinal do povo, que impede saia milho do concelho

OVAR, 13-C.—A carestia da vida é, neste momento, o que preocupa mais as classes laboriosas, que se vêem a braços com a miséria.

Quis o acaso que nos encontrásemos na quinta-feira, 8, na linda vila de Oliveira de Azemeis, já hoje um centro industrial do distrito e no futuro um dos mais importantes do país, graças às suas riquezas naturais. Logo de manhã, notámos um movimento desusado em frente da administração do concelho, onde uma praça de infantaria 24 fazia sentinela, o que não é costume.

Indagando, averiguámos que o povo tinha no dia 6 impedido que saísse da estação do caminho de ferro um vagão de milho que se destinava, diziam, a Pombal para queimar. Conduzido o milho para a administração, foi algum distribuído ao povo no dia seguinte, mas na manhã de 8 chegou de Aveiro uma força de infantaria 24 do comando dum alferes, que, constava, se propunha a proteger a saída do cereal.

As 11 horas algumas mulheres dirigem-se às torres das igrejas e capelas e tocam os sinos a rebate. Ao meio dia, hora da saída das fábricas, a multidão nas ruas era compacta e a classe trabalhadora estava resolvida, custasse o que custasse, a impedir a saída do milho.

Um numeroso grupo das fábricas de serração avizinha-se da administração, brandindo sarrafos de madeira e soltando vivas à República e ao exercito e morras aos assambradores. A força forma na frente da administração e a primeira fileira cruza as armas, armando a baioneta. As mulheres não se intimidam e continuam nos seus protestos clamando que o milho fosse distribuído pelo povo, que não tinha onde o comprar.

Em face desta atitude — que não deixava iludir ninguém — o comandante da força conferenciou com o administrador e assestaram que o milho não saísse e seria distribuído no domingo pelas 10 horas a todos os chefes de família que o desejassem, fazendo-se o rateio por todos. Esta resolução foi comunicada ao povo, que a acolheu com protestos pois temia que fosse ludibriado.

O comandante da força propôs então que os operários nomeassem uma comissão de vigilância, que juntamente com os seus soldados guardariam o milho, já que duvidavam da sua palavra de honra.

Em Lisboa

Venda de açúcar

São distribuídos hoje, nos armazéns e postos de venda de gêneros da Provedoria da Assistência, 3.840 quilos de açúcar, em pacotes de meio quilo, para satisfazer 7.680 habitantes, além de outros gêneros de 1.ª necessidade, como feijão branco, grão e massa.

Os armazéns de Santa Marta, Terreiro do Trigo, Campo de Sant'Ana, Rua

Visconde de Santo Ambrósio, rua das Praças de D. Vasco e Calçada da Pampilha, distribuirão cada um 600 pacotes e o do Lumiar 540

Os postos de venda nas cozinhas das Mercês, 100; de Campo de Ourique, 150; S. Vicente, 200; Campolide, 100; Bemfica, 100; Carnide, 100; Alto do Pinheiro, 100; Arroios, 100; Penha de França, 100; Beato, 200; Santa Engrácia, 100; Poço do Bispo, 200; Santa Luzia, 150; S. Cristóvão, 150; Pena, 100; Mouraria, 150; e Santos, 100.

A venda do açúcar efectuar-se-á das 14 às 18 horas, prolongando-se o serviço enquanto houver açúcar e público.

**Fornecimento de milho**

O milho colonial chegou ao Tejo pelo vapor *Maio* foi todo requisitado pela direcção geral do comércio agrícola, a fim de ser fornecido às câmaras e celeiros municipais do sul do país. Também pela delegação geral dos abastecimentos no norte foi requisitado parte do milho que na cidade do Porto se encontra armazenado.

**A contrandança do açúcar**

Ficou assente que as requisições das câmaras municipais do norte do país, para fornecimento de açúcar devam ser dirigidas à delegação dos abastecimentos no norte e não à direcção geral do comércio agrícola.

Consignado à mesma delegação no Porto, seguiu ante-ontem um comboio especial com açúcar, devendo partir para ali, no dia 20, outro comboio com o mesmo género.

**Festas operárias**

**Federação do Calçado, Couros e Peles**

Realiza-se hoje, como temos anunciado, a festa de homenagem à Federação do Calçado, Couros e Peles, levada a efeito por um grupo de camaradas daquela indústria, que tem sido incapaz para que resulte de algum benefício a propaganda para organizar a classe. Esses camaradas apelam para que os fabricantes de calçado que ainda não tinham bilhetes, os adquiram na bilheteria do teatro, que é no teatro Recreios da Graça, (Caixa Económica Operária).

Atendendo ao fim a que se destina o referido espectáculo, é de esperar que todos os operários e em especial os da indústria do calçado, contribuam para o seu brilhantismo.

O programa é o seguinte:

1.ª Parte—Conferência pelo jornalista operário Perfecto de Carvalho.

2.ª Parte—Especáculo pela companhia dramática sob a direcção artística de Francisco Moreira, representando-se o emocionante drama em 3 actos *O Voluntário de Cuba*, que tem a seguinte distribuição:

Marcial, Constantino de Carvalho; Justo, Francisco Moreira; Severo, Artur Cunha; Radugo (juiz), Luis Nogueira; José (criado), Agripino de Oliveira; Maria, Ivone de Abreu; Lucrécia, Delmira Serra e Moura; Angelina, Júlia Silva; Margarida (6 anos), Margarida Piedade.

## A Casa dos Trabalhadores

Continua hoje a receber-se, nas sedes das organizações abaixo indicadas, a contribuição destinada à Casa dos Trabalhadores dos operários que no sábado passado não se dirigiram às mesmas organizações por o efeito de concorrerem com o producto dum dia de salário ou dum quarto de dia.

Muitos foram os camaradas que no dia destinado à primeira cobrança souberam corresponder ao apelo que lhes foi dirigido pela comissão pró-Casa dos Trabalhadores e pelos organismos a que pertencem, mas muitíssimos há ainda que não fizeram.

Sabemos que alguns camaradas nossos, supondo que só seria aceite a importância relativa a um dia de salário, quando de facto também o seria a de um ou mais quartos de dia, não se dirigiram, por tal motivo, no sábado passado, às sedes dos organismos.

Que esses camaradas o façam hoje, na certeza de que assim darão o seu concurso a uma iniciativa que, uma vez materializada, há de concorrer para que o operariado possa dispor de instituições que hoje não há possibilidade de criar.

**Mais um donativo de uma Associação**

A comissão pró-Casa dos Trabalhadores recebeu da Associação de Classe dos Manipuladores e Estivadores das fábricas de conservas e armazéns de estiva de Setúbal a quantia de 20 escudos para a Casa dos Trabalhadores, quantia que foi votada em sua última assembleia geral, prometendo de futuro continuar a contribuir na medida das suas forças até que seja levada à prática tal iniciativa.

**Operários alfaiates**

A comissão administrativa deste sindicato convidou todos os operários alfaiates conscientes a contribuírem com um dia de trabalho para a Casa dos Trabalhadores, para o que se encontra na sede deste sindicato, Rua dos Fanqueiros, 300, 2.º, hoje, das 20 às 22 horas, quem receba os respectivos donativos.

Se por uma revolução política somos, pela força das circunstâncias obrigados a perder um, dois, três e quatro dias numa semana, porque não contribuir com um único dia de trabalho por mês para a Casa dos Trabalhadores, que há-de ser um facto, mas simplesmente pelo esforço do operariado?

Espera, pois, esta comissão administrativa que todos os operários alfaiates cumpram o seu dever.

**Sindicato Unico Metalúrgico**

A comissão auxiliar pró-Casa dos Trabalhadores do Sindicato Unico Metalúrgico reuniu conjuntamente com os delegados de algumas oficinas, sendo distribuídas listas, a fim de se colherem as importâncias respeitantes ao dia de salário pró-Casa dos Trabalhadores.

A comissão previne todos os metalúrgicos, sócios e não sócios, que o dia de salário a entregar pode ser pago em quatro prestações, ou seja em quartos de dia.

Hoje encontrar-se-ão na sede deste sindicato, R. da Esperança, 204, 2.º, das 17 às 23, os membros desta comissão, para receberem as importâncias dos contribuintes, bem como amanhã, das 13 às 19, na central e nas secções de Belém, Palma, Poço do Bispo e Almada.

**Carpinteiros navais**

Este sindicato convidou as camaradas que ainda não contribuíram para a Casa dos Trabalhadores a faz-lo hoje, para o que se encontrará à saída do trabalho representantes da direcção na sede do sindicato, Rua dos Poiais de S. Bento, 61, 1.º.

**Chapeleiros**

A direcção da Associação de Classe dos Chapeleiros deliberou convidar todos os chapeleiros a concorrerem com o quarto de dia do seu salário semanalmente, para a edificação da Casa dos Trabalhadores. Esse dinheiro deve ser entregue na sede do sindicato hoje, das 20 às 22 horas, e amanhã, das 14 às 16 horas.

**Locais onde se recebem contribuições**

**União dos Sindicatos Operários:**

Os operários sindicados que não estejam filiados em Federação de Indústria, Sindicato Unico ou Nacional, entregarão a sua contribuição (um dia de salário ou quatro de dia) a este organismo, na sua sede e nos locais abaixo mencionados:

Sede—Calçada do Combro, 38-A, 2.º Delegados: Cândido Escalera, Eduardo Jorge, Benedito Hilário Taumsturgo, Arnaldo Mota Cardoso, António Pedreira, Caltano Pedro Oliva, Júlio Rodrigues e Francisco Viana.

Entrada pelo lado direito. Secção do Poço do Bispo, Beato e Olivais.

Secção de Palma. Cabouqueiros e Fabricantes de Cal, rua Maria Pia, aos Prazeres.

Secção de Belém, rua Paulo da Gama, 6, 1.º

Pessoal Extraordinário dos Tabacos, rua do Mirante, Santa Apolónia.

Secção da Charneca.

**Federação Nacional da Construção Civil:**

Sede—Calçada do Combro, 38-A, 2.º Entrada pelo lado esquerdo.

Nas secções de Belém, Beato e Olivais, Palma e Arredores e Charneca, desde as 17 horas.

**Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles:**

Sede—Rua do Arco do Marquês do Alegrete, 30, 2.º, direito, desde as 20 horas, e na secção da Construção Civil

(sedição dos Corticeiros); Palma, rua da

de Belém, rua Paulo da Gama, 9, 1.º, onde se encontrará uma delegacia desta Federação.

**Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio:**

Sede—Rua António Maria Cardoso, 20, 1.º

**Federação do Livro e do Jornal:**

Sede—Travessa da Agua de Flor, 55.

**Federação Nacional Corticeira:**

Sede—Mutela, Almada, e em todos os sindicatos desta indústria, que por

da Associação

O cobrador,

SERIE A

N.º

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES

PRO-CASA DOS TRABALHADORES



# GREVES

Operários corticeiros

greve do operariado corticeiro, an-  
tontem declarada, ainda não teve so-  
lução, mantendo-se os industriais in-  
transigentes. A proclamação da Federa-  
ção Nacional Corticeira começa a sur-  
tir os seus efeitos na provincia, onde  
segundo os telegramas que a seguir pu-  
blicamos, o operariado corticeiro com-  
meça abandonando o trabalho. E' gra-  
ve o conflito estabelecido, sendo alguns  
milhares de operários arremessados  
para a paralisação.

Nota officiosa do comité central  
da greve

O comité da greve reúne com o  
conselho federal, pelas adesões que tem  
recebido de todo o país constatou que  
o movimento tem-se intensificado nos  
centros corticeiros.

Várias negociações tem feito o comi-  
té junto das Unões Locais, Federações  
de Indústria, e Sindicatos Mistos, e  
Unicos, obtendo da Federação de Trans-  
portes Marítimos e Fluviais a promessa  
de que não seriam feitas cargas e des-  
cargas de cortiça, enquanto durasse a  
greve. Esta atitude dos marítimos foi  
registada com grande satisfação.

Mais resolveu o conselho federal e o  
comité, formularem novas reclamações  
aos industriais, caso estes não atendas-  
sem que determinaram a greve geral,  
esperando as respostas à consulta que  
foi feita aos organismos da classe,  
sendo depois marcado o prazo que se  
julgue conveniente, que começará pro-  
vavelmente na segunda-feira.

Camaradas! Novamente aconselha-  
mos a máxima solidariedade, pois o  
conflito resolver-se há com a vitória  
para a classe, muito brevemente, e  
esta se conservará serenamente na luta.  
Viva a greve geral! Viva a união dos  
corticeiros!

Viva a Federação Corticeira! Avante  
pela nossa vitória, moral e económica!  
—O comité central.

## Em Belém

Os grévistas desta área reuniram on-  
tem em assembleia magna, na sede do  
seu sindicato sob a presidência de Pe-  
dro Gomes, secretariado por Artur  
Cordeiro e J. Cabral. O delegado da  
Federação, Ramos Seta, apresenta a si-  
tuação tal qual é, aconselhando a má-  
xima confiança naquele organismo, es-  
perando a vitória por breve. Falou  
também Martins Lago, José Mór, Alfre-  
do Balão, Alfredo Gomes e Americo  
Matias, que pronunciaram entusiásticos  
discursos. As comissões de vigilância de  
Belém, verificaram que a paralisação é  
absoluta em todas as fábricas.

## Em Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 16.—C.—Os ope-  
rários corticeiros desta localidade reu-  
niram, presidindo o camarada Joaquim  
Flores, secretariado por Arnaldo Matos  
e José da Graça. Silvestre dos Santos  
comunicou que os corticeiros de Alde-  
galega, tinham abandonado o trabalho.  
O camarada Francisco Vêra declarou  
que os corticeiros de Aldegalega estão  
prontos a acatar todas as deliberações  
da sua Federação, não atendendo os in-  
dustriais sem que ela o determine. A  
assembleia terminou entre o maior en-  
tusiasmo. A fábrica que se encontrava  
trabalhando, está já paralisada.

## Em Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 15.—C.—Com  
grande concorrência, realizou-se on-  
tem, pelas 20 horas, uma reunião da  
classe corticeira, com o fim de tomar  
conhecimento dos trabalhos que a Fe-  
deração jenciona levar a efeito, e ao  
mesmo tempo nomear os corpos ge-  
rentes para o corrente ano. Falaram  
vários camaradas, que demonstraram  
claramente a numerosa assembleia o es-  
tado que chegaram os corticeiros,  
pois sendo eles os operários que antes

## Empregados dos telefones

### O conflito ainda não foi solucionado

Os grévistas da Companhia dos Tele-  
fones continuam lutando firmemente  
pelas suas reivindicações, nada tendo  
acordado ontem de apaz. Do comité  
intensificador da greve, recebemos o  
seguinte comunicado:

Este comité protesta energicamente con-  
tra as acusações que os jornais burgue-  
ses lançam sobre os operários grévistas,  
apudando-os de ladrões e, por consequên-  
cia, de quem são os autores do roubo.  
Se é que roubou se lhe pode chamar, das  
adquiridas geradoras das estações Central  
e Norte. Faz saber ao publico que a greve é  
spontânea e a ela aderiu o pessoal telefo-  
nista do Porto.

Previne-se o pessoal grevista de que não  
deve dar crédito aos boatos tendenciosos  
e aos comunicados dos jornais burgue-  
ses, pois estes só têm em mira o desmante-  
lamento do pessoal e do espirito de solidarie-  
dade que conserva.

A comissão do pessoal grevista da

Beneficência, 15, rez-do-chão; Almada,  
na Associação dos Tanoeiros.

A Federação do Livro e do Jornal

Convida todos os gráficos a nomear  
comissões por officinas, a fim de  
hoje, das 18 às 24 horas, virem à sede  
desta Federação entregar as quantias  
correspondentes a um quarto de dia  
por operário, manifestando assim o seu  
dessejo que a Casa dos Trabalhadores  
seja um facto dentro em breve.

## Notas várias

O camarada Isidoro Crespo, serven-  
te, ofereceu à Batalha dois bilhetes de  
autêntica para o espectáculo que a Federa-  
ção do Calçado, Couros e Peles hoje  
realiza na Caixa Económica Operária e  
cujo produto reverte a favor da Casa  
dos Trabalhadores.

A comissão administrativa da Asso-  
ciação de Classe dos Carruageiros,  
fclibrou convidar os seus camaradas a  
concorrerem para a Casa dos Traba-  
lhadores, entregando o seu dia de  
quarto de dia na sede da U. S. O.,  
calçada do Combro, 38-A, 2.º

Os corticeiros de Sines e a Casa  
dos Trabalhadores

SINES, 15.—C.—Na reunião dos  
operários corticeiros de 13 do corrente

da guerra viviam mais desalojados,  
hoje se vêem rotos e descalços,  
por o que ganham não chegar para co-  
mer. Todos os oradores foram unânimes  
em afirmar que é a classe que menos  
ganha em Castelo Branco, onde a vida  
hoje é um martírio. Por fim, foi resol-  
vido que a classe aguardasse as delibe-  
rações da Federação. Para os corpos  
gerentes foram eleitos por aclamação  
os seguintes camaradas: assembleia ge-  
ral a do; direcção, presidente José Vi-  
lhena; 1.º secretário, Joaquim Rocha;  
2.º secretário, Joaquim Serraqueiro;  
3.º secretário, José Salavessa; tesoureiro José  
Correia; conselho fiscal, presidente,  
Romualdo Dias; secretário, Pedro Be-  
ronha; vogal, João Carqueja.

Aprovaram-se as contas da gerência  
de 1919, que accusam uma receita de  
254\$005, e uma despesa de 205\$955, ha-  
vendo um saldo de 48\$050 para o cor-  
rente ano.

## Em Évora

EVORA, 15.—C.—Os corticeiros des-  
ta cidade declararam-se em greve ao  
receber a proclamação da Federação  
Corticeira, deliberando saídar a Bata-  
lha.

## Em Silves

SILVES, 16.—C.—Está declarado o  
movimento corticeiro. O moral é bom.  
Saúdações para a Batalha.

## No Barreiro

BARREIRO, 15.—C.—Os corticeiros  
desta vila reuniram hoje em grande  
número, tendo falado o camarada Cla-  
des-tor, secretariado por Miguel de Melo  
e Artur Gomes, para apreciarem a mar-  
cha do movimento, falando Heitor Vi-  
ça, que num eloquentíssimo discurso  
fez sentir à classe a razão do movimen-  
to, participando a adesão da Federa-  
ção Marítima que está no firme propó-  
sito de não consentir que a sua classe  
transporte um único fardo de cortiça  
enquanto durar a greve.

O camarada Silvestre dos Santos, ex-  
pôs a numerosa assembleia o firme pro-  
pósito em que se encontra a classe de  
não transigrir nas suas reclamações. Na  
mesma ordem de ideias falaram diver-  
sos camaradas. O camarada Cabarrão,  
depois de algumas considerações, pediu  
para que fosse exarado na acta o voto  
de Jovinar à Federação Marítima, pela  
forma como se solidarizou com a clas-  
se em luta. A sessão foi encerrada cerca  
das 20,30, por entre vivas à greve ge-  
ral corticeira, à Federação Nacional  
Corticeira, à C. G. T., à Federação  
Marítima e à Batalha.

## Em Sines

SINES, 16.—Os corticeiros de Sines,  
reunidos, acabam de declarar a greve  
geral. Há grande entusiasmo. Viva a  
greve geral da classe corticeira!

## Várias notícias

Os industriais de Setúbal e Pôrto,  
segundo comunicações dos respectivos  
sindicatos à Federação Corticeira, de-  
clararam dar o que derem os seus co-  
legas de Lisboa.

—Nas reuniões ontem efectuadas em  
Almada, Barreiro, Seixal, Poço do Bis-  
po, Alhos Vedros e Amora, foi apro-  
vada unanimemente uma proposta para  
que os dias de greve sejam pagos pelos  
industriais.

Companhia dos Telefones, que janta-  
mente com o delegado do Sindicato  
Unico, trata de obter a completa satis-  
ficação das reclamações do pessoal, re-  
unido em sessão permanente, expôs on-  
tem à assembleia as demarches com a  
direcção da Companhia. Depois de te-  
rem falado vários camaradas, que rela-  
taram as habilidades da Companhia para  
ludibriar os grévistas, foi delibera-  
do enviar para este jornal a nota ofi-  
ciosa que acima publicamos, desmen-  
tindo os comunicados dos jornais bur-  
gueses.

Ao terminar a sessão, foi recebida  
uma comunicação da Companhia pe-  
dindo para que a comissão a procure  
hoje novamente pelas 10 horas, devon-  
do por isso o pessoal reunir às 14 horas,  
para a comissão transmitir ao pessoal o  
resultado dessa entrevista.

foi apreciado com bastante interesse o  
alvitre da Central dos Sindicatos Por-  
tugueses para a compra da Casa dos  
Trabalhadores, valioso e transcendental  
empreendimento, que tam bem ac-  
colhido está sendo pelo operariado orga-  
nizado.

Correspondendo ao apêlo da sua Fe-  
deração, resolveram estes camaradas  
abrir a inscrição para os que queiram  
contribuir com o seu dia de trabalho,  
encontrando-se já inscritos algumas de-  
zenas de camaradas. Por fim foi no-  
meada uma comissão para promover a  
realização de espectáculos cujo pro-  
duto se destinaria ao mesmo fim.

Cremos que os camaradas das ou-  
tras classes se prestarão também a  
contribuir com a sua parte de esforço e  
dedicação, acompanhando os cortice-  
iros neste belo exemplo de solidarie-  
dade.

Associação dos Correios  
de Lisboa

Comunica-nos a direcção deste sindi-  
cato que na sua última reunião foi re-  
solvido convidar todos os operários que  
constituem a classe a contribuírem com  
o seu esforço monetário para que a  
grande obra que é a Casa dos Traba-  
lhadores em breve seja um facto.

# A POLITICA

Em meados de ser vres  
uerm e a outros sejm escr-  
vos. —Marmonte.

## Mouros na costa...

Tanto na Câmara dos Deputados co-  
mo no Senado, não houve ontem ses-  
são por falta de número. Dos deputa-  
dos liberais apenas compareceram três;  
no senado também os liberais abando-  
naram a sala.

Havia temporal e os ares apresenta-  
vam-se turvos no céu da politica...

## Na Chuchulândia...

Tendo o dr. sr. Fernandes Costa de-  
tado a fugir porque meia dúzia de ci-  
dadãos foram ao Terreiro do Paço di-  
zer-lhe que desandasse dali para fora,  
o presidente da república nomeou o  
sr. Tomé de Barros Queiroz para or-  
ganizar um ministério nacional confor-  
me exigiu aquela supracitada meia  
dúzia de cidadãos.

Vai, porém, ao que consta, o Sr. To-  
mé de Barros Queiroz, declina o encar-  
go.

Que sairá disto tudo? perguntará o  
leitor. Se quer acerta na previsão,  
não procure uma consequência logica.  
Em politica o ilógico é o que succede se-  
mpre. Veja qual poderá ser a saída mais  
disparatada deste gachis politico e fa-  
rá 31.

—Continuara definitivamente no go-  
verno o sr. Sá Cardoso? Virá um novo  
governo retintamente democratico?

—Isso, isso. Para ai, para ai, talvez  
acerte.

## Políticos profissionais

A razão porque a s parlamentares  
dos varios matizes não agradava a  
constituição de um ministério liberal,  
era a ameaça da dissolução que se di-  
zia fatal. Ela era barro! Duzentos e  
cincoenta escudos mensais pelo tra-  
balho extenuante de fazerem corpo de  
presença durante vinte horas por se-  
mana no palácio do Congresso, não se  
podem perder assim. Dada a sua inca-  
pacidade para qualquer trabalho útil e  
inteligente, de que haviam de viver to-  
dos aqueles cavalheiros que não tem  
emprego publico ou fortuna propria? A  
deputado lamentava-se dos trans-  
tornos que o encerramento da Câmara  
lhe acarretaria: «Imagine que me deslo-  
que e a família da provincia em que  
estabelecer residência para aqui! E ou-  
tro dizia: «Ei uma gaita para mim. Se-  
ralim que deixei o meu emprego e  
agora já não voltarei para a situação  
que tinha!»

Mais foi resolvido que na assembleia  
geral se assente na quantia com que  
este organismo há de contribuir para  
tam grande iniciativa.

Operários corticeiros: concordei com  
o vosso esforço para que a maior  
de todas as iniciativas operárias em  
breve se converta numa realidade, e  
para isso basta apenas retirar semanal-  
mente da vossa fôrta um quarto de dia  
de salário ou um dia mensalmente, e  
em seguida levá-lo à União dos Sindi-  
cados Operários de Lisboa, Calçada do  
Combro 38-A, 2.º.

O operariado de Gaia vai realizar  
espectáculos pró-Casa dos Traba-  
lhadores

VILA NOVA DE GAIA, 12.—C.—  
Por iniciativa do camarada João Bar-  
reto e do correspondente de A Batalha,  
iniciativa patrocinada pela U. S. O. de  
Gaia, realiza-se brevemente, num dos  
teatros desta vila, um imponente es-  
pectáculo, cujo produto reverte a favor  
da Casa dos Trabalhadores.

Para a realização dessa festa, genui-  
namente operária, contam os promoto-  
res com o auxilio de diversas entidades,  
entre elas o aplaudido Grupo Dramá-  
tico do Candal, a quem vai ser pedido  
o concurso.

No programa conta-se, além do epi-  
sódio dramático do falecido escritor  
Manuel Larangeira, Amanhã, um acto  
de variedades e de uma comédia, e a  
realização duma conferência por um  
activo militante operário.

E' desejo dos promotores, para que  
toda a classe operária do concelho pos-  
sa concorrer para a grandiosa obra  
que se quer levar a cabo, realizar es-  
pectáculos nos pontos onde é enorme a  
aglomeração operária, tais como Santa  
Marinha e Alameda, Valadães e  
Avintes.

Nas associações operárias vão ser en-  
viados bilhetes, por intermédio da U. S. O.,  
para que elas os coloquem entre  
os seus associados.

## Relação dos contribuintes

### Sindicato Unico Metalúrgico

Alfredo Marques, Marceneiro, 3\$50;  
Carlos Martins, Polidor, 2\$80; Artur  
da Silva Pinheiro, Polidor, 3\$00; Firmi-  
no João Duarte, Estofador, 4\$00; João  
Rodrigues Matias, Marceneiro, 3\$50;  
César Ramos Miguel, Marceneiro, 3\$80;  
Luís Lopes, Entalhador, 4\$00; José Fon-  
tes, Entalhador, 1\$10; Júlio de Almeida,  
Marceneiro, 3\$50; Manuel Baptista, Mar-  
ceneiro, 2\$90; José Valentim Machado,  
Marceneiro, 3\$00; Joaquim Marques dos  
Anjos, Marceneiro, 3\$50; Manuel Sal-  
vador, Marceneiro, 2\$50; Júlio Pereira  
Horta, Marceneiro, 2\$00; Albino Costa,  
Marceneiro, 1\$50; Alvaro de Campos,  
Torneiro, 3\$00; Alfredo Inácio da Cruz,  
Entalhador, 2\$70; Estanislau Rodrigues  
Melo, Cesteiro, 2\$50; Viriato Rodrigues  
de Melo, Cesteiro, 3\$00; António Paiva  
Neu, Marceneiro, 3\$50; Raul Eduardo  
Pereira, Marceneiro, 3\$50; Manuel Al-  
ves, Marceneiro, 3\$00; Filipe Ferreira  
Guerreiro, Marceneiro, 3\$50; João Guer-  
reiro, Polidor, 3\$50; Luís Cardoso,  
Marceneiro, 3\$50; Francisco António de  
Assis, Polidor, 3\$50; José Luis Neves,  
Estofador, 4\$20; Mário Martins, Estofa-  
dor, 2\$20; José da Silva Santos Arra-  
lha, Marceneiro, 3\$00; João Humberto  
Matias, Estofador, 3\$00; Júlio Rocha,  
Estofador, 5\$00; Alberto da Ressurrei-  
ção, Marceneiro, 3\$00; Alvaro Vasques,  
Marceneiro, 3\$00; António Marvão, Po-  
lidor, 3\$50; Eurico Júlio, Marceneiro,  
2\$50; José Martins, Marceneiro, 2\$30.  
Total desta lista 109\$20.

Barcos espanhóis no Tejo

Entraram ontem no Tejo como er m  
esperados os torpedeiros da marinha  
espanhola n.ºs 15, 16 e 18.

# Ultima Sindical

Ultima Sindical

... não tem pago os bonus, que não  
e devem negar a pagá-los pois que as  
cadernetas, assim que estejam concluí-  
das, imediatamente serão entregues aos  
cobradores, que por sua vez, as dis-  
tribuirão pelos camadas sócios. Os  
de os sócios deste sindicato que que-  
ram pagar na sede os bonus, desde  
hoje o poderão fazer todos os dias, das  
20 às 23 horas.

Sindicato Unico das Classes Mo-  
biliárias—Conselho Técnico e de Me-  
lhoramentos—Em sessão da especiali-  
dade dos marceneiros, para nomeação  
da comissão profissional, depois de ex-  
postas as funções das secções pelo  
camarada Secretário Geral, foram no-  
meados para os respectivos cargos os  
camaradas Manuel de Azevedo, Alfredo  
dos Santos e José Miranda.

Apreciando-se o desenvolvimento da  
indústria mobiliária, segundo a produ-  
ção e consumo, exportação e importa-  
ção de madeiras, vai este Conselho den-  
tro em breve fazer um largo estudo  
para satisfação dos fins para que foi  
criado. Igualmente foi apreciado, o que  
levantou larga discussão, o facto de em  
algumas officinas, operários marcenei-  
ros, executarem trabalhos de enera-  
mento que pertencem exclusivamente  
aos operários polidores. Por fim, o  
delegado do Conselho Técnico lembrou  
a conveniência de nenhum camarada  
marceneiro executar esse trabalho, mes-  
mo por imposição de qualquer patrão,  
comprometendo-se a apresentar esta  
reclamação na próxima reunião do  
Conselho Técnico e Melhoramentos.

Pessoal dos tabacos.—A comissão  
delegada do pessoal extraordinário, tem  
ido várias conferencias com o conselho  
de administração da Companhia e o  
respectivo comissário geral, sobre várias  
reclamações apresentadas pelo pessoal  
à comissão de melhoramentos e que se  
preendem com as concessões ultimamen-  
te obtidas quando do acordo firmado  
pelo ex-ministro das finanças sr. Rego  
Chaves.

Tendo-se estipulado a subvenção de  
330 centavos às operárias parturientes,  
durante o período de 4 semanas, esse  
subsídio é pago mediante a apresenta-  
ção de atestado passado pela parteira,  
única entidade reconhecida como fa-  
zendo fe sobre o caso. Acontece, porém,  
que o comissário geral Elísio dos Reis,  
que tem demonstrado por várias  
vezes os seus intuitos de prejudicar o  
pessoal, é de opinião em não reconhe-  
cer competência às parteiras testa-  
das e só aos médicos os atestados fazer,  
assim como desde que os atestados não  
comproven absoluta incapacidade para  
o trabalho, também agora não sejam  
pagos.

O critério adoptado por este magis-  
trado, representa um sofisma, com o  
qual o pessoal se mostra justamente in-  
dignado e a comissão de melhoramen-  
tos vai iniciar um movimento de pro-  
testo, por reconhecer que o comissário  
geral dos tabacos está na disposição de  
coartar as regalias concedidas.

Sobre os aumentos de salários, apesa-  
da companhia ter elevado o preço d os  
tabacos em média 25 % desde o 1.º  
de Janeiro, ainda nada respondeu à  
pretensão dos operários, desculpando-  
se com a falta da organização do mido-  
teio, mas estes que lhe deram o pnis-  
de resposta até 31 do corrente, está raso  
disposição de esperá-la até essa data e  
em caso contrário irão até onde as cir-  
cunstâncias permitirem.

até onde as cir-

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

# Ultimas NOTICIAS

Ultimas NOTICIAS

... não tem pago os bonus, que não  
e devem negar a pagá-los pois que as  
cadernetas, assim que estejam concluí-  
das, imediatamente serão entregues aos  
cobradores, que por sua vez, as dis-  
tribuirão pelos camadas sócios. Os  
de os sócios deste sindicato que que-  
ram pagar na sede os bonus, desde  
hoje o poderão fazer todos os dias, das  
20 às 23 horas.

Sindicato Unico das Classes Mo-  
biliárias—Conselho Técnico e de Me-  
lhoramentos—Em sessão da especiali-  
dade dos marceneiros, para nomeação  
da comissão profissional, depois de ex-  
postas as funções das secções pelo  
camarada Secretário Geral, foram no-  
meados para os respectivos cargos os  
camaradas Manuel de Azevedo, Alfredo  
dos Santos e José Miranda.

Apreciando-se o desenvolvimento da  
indústria mobiliária, segundo a produ-  
ção e consumo, exportação e importa-  
ção de madeiras, vai este Conselho den-  
tro em breve fazer um largo estudo  
para satisfação dos fins para que foi  
criado. Igualmente foi apreciado, o que  
levantou larga discussão, o facto de em  
algumas officinas, operários marcenei-  
ros, executarem trabalhos de enera-  
mento que pertencem exclusivamente  
aos operários polidores. Por fim, o  
delegado do Conselho Técnico lembrou  
a conveniência de nenhum camarada  
marceneiro executar esse trabalho, mes-  
mo por imposição de qualquer patrão,  
comprometendo-se a apresentar esta  
reclamação na próxima reunião do  
Conselho Técnico e Melhoramentos.

Pessoal dos tabacos.—A comissão  
delegada do pessoal extraordinário, tem  
ido várias conferencias com o conselho  
de administração da Companhia e o  
respectivo comissário geral, sobre várias  
reclamações apresentadas pelo pessoal  
à comissão de melhoramentos e que se  
preendem com as concessões ultimamen-  
te obtidas quando do acordo firmado  
pelo ex-ministro das finanças sr. Rego  
Chaves.

Tendo-se estipulado a subvenção de  
330 centavos às operárias parturientes,  
durante o período de 4 semanas, esse  
subsídio é pago mediante a apresenta-  
ção de atestado passado pela parteira,  
única entidade reconhecida como fa-  
zendo fe sobre o caso. Acontece, porém,  
que o comissário geral Elísio dos Reis,  
que tem demonstrado por várias  
vezes os seus intuitos de prejudicar o  
pessoal, é de opinião em não reconhe-  
cer competência às parteiras testa-  
das e só aos médicos os atestados fazer,  
assim como desde que os atestados não  
comproven absoluta incapacidade para  
o trabalho, também agora não sejam  
pagos.

O critério adoptado por este magis-  
trado, representa um sofisma, com o  
qual o pessoal se mostra justamente in-  
dignado e a comissão de melhoramen-  
tos vai iniciar um movimento de pro-  
testo, por reconhecer que o comissário  
geral dos tabacos está na disposição de  
coartar as regalias concedidas.

Sobre os aumentos de salários, apesa-  
da companhia ter elevado o preço d os  
tabacos em média 25 % desde o 1.º  
de Janeiro, ainda nada respondeu à  
pretensão dos operários, desculpando-  
se com a falta da organização do mido-  
teio, mas estes que lhe deram o pnis-  
de resposta até 31 do corrente, está raso  
disposição de esperá-la até essa data e  
em caso contrário irão até onde as cir-  
cunstâncias permitirem.

até onde as cir-

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.

circunstâncias permitirem.



## A BATALHA NO PORTO

**A questão do pão — Moageiros, industriais de padarias e manipuladores de pão defendem os seus interesses — Uma acção justa**

PORTO, 13. — A ordem do dia, o ato forçado de todas as comissões sindicais, é o pão nosso de cada dia. As potências se degradam economicamente, defendendo ativamente os seus interesses — os moageiros, os proprietários de padarias e os manipuladores de pão que, com justiça, afirmam os seus direitos à vida.

preocupações do público e as pretensões dos moageiros

Principiou a correr com insistência a nova do pão ir encarecer bastante, solução esta que irá prejudicar imensamente as classes pobres, em consequência do pão ser o seu primordial alimento. As queixas e os lamentos da população, sobrecarregada em demasia com toda a sorte de encargos, tributos e carências, não se fizeram sentir, e de maneira que, as autoridades julgaram conveniente fingirem-se interessadas no assunto e dispostas a não perdem mais escatoteações exageradas. Os moageiros, estribando-se no único valor representativo que a farsa impõe, hoje tem e, portanto, desculpando-se com a história das mudanças, anunciaram a sua clientela que os preços da sua tabela iam ser modificados para mais — motivo forte que dava origem a que as famílias sussem de custo e o pão de preço.

Entram em cena, aproveitando a deixa, os industriais de padaria

Os industriais de padaria, sofismatando-se arrelviados e doloridos pela infelicidade desta desgraçada população, apelam para a autoridade superior do distrito, apresentando-lhe as soluções: ou os moageiros encorajam as garras, deixando subsistir os preços anteriores das farinhas, atenta a triste situação de sacrifícios para todos, ou então, se ex. consentiria em que o pão fosse vendido muito mais caro. Neste acto, entrou também o delegado das subsistências que, galanteando, agitou na mão a lei que reclama que os moageiros essenciais à vida humana sejam vendidos pelos preços da tabela oficial. Após uma reunião das partes interessadas, onde, à mistura, se falou dos bons negócios e dos perigos iminentes que ameaçam a nossa pátria amada, os moageiros, pensando b. m. estas circunstâncias na sua consciência farinacea, recusaram, mais uma vez com sacrifício, não alterarem um milavo do que custam as farinhas — prova mais do que evidente de que se tratava dum novo assalto à bolsa alheia.

Os operários manipuladores de pão, revoltando-se com o aumento de salário, reclamam que os industriais de padaria pensem em reduzir um pão à expressão mais simples dum corpo de azeitona.

Por este lado, parecia terminada a questão. Porém, os industriais de padaria enfrentaram com nova dificuldade — esta, para eles, inamovível: — os seus manipuladores, escassamente remunerados, não se serviam, e lutando com as aspersões duma vida económica erigida, ora e espinhos, resolveram, numa reunião, não só não aceitar, mas também, e com grande entusiasmo, reclamar uma melhoria nos seus salários. Em face desta justíssima exigência por parte dos manipuladores, os donos das padarias pateticamente clamaram às autoridades administrativas e pediram a resolução em que, eles estavam de aumentar o preço do pão, e que eles pudessem satisfazer as reclamações dos seus operários, em altos gritos, aquelas entidades oficiais, para que revogassem, e simplesmente, o decreto que regula o preço legal do pão de trigo.

Desta forma, os operários manipuladores servem de excelente pretexto para os industriais de padaria se prepararem para roubar escandalosamente o público consumidor. Assim, aquele pão, que já é, por assim dizer, do tamanho dum castanholo de Maranhã, passaria a ter as proporções dum corpo de azeitona de Elvas, e os donos daqueles senhores padeiros estabelecidos, pelo que estes declararam não atenderem as reclamações operárias.

Os manipuladores proclamam a greve geral — A atitude ignorante de certo público — O procedimento das autoridades

Em reunião magna da classe, que decorreu animada e foi concludente, o grupo dos manipuladores de pão, depois de apreciarem as respostas de alguns industriais, decidiu não satisfazerem em absoluto, foi proclamada a greve geral, entre outros, para unir os manipuladores, a

As autoridades dizem tomar providências — Países miliares

As autoridades, impotentes para re-

Para se deixar estar no mesmo sítio

Crainquebille, uma razão demasiado considerável aos seus olhos para que a não achasse suficiente. Expôs-lhe com singeleza e sem arte:

— Com mil diabos! pois se eu lhe estou a dizer que estou à espera do meu diaheito!

O guarda 64 contentou-se com responder:

— Ai, você quer que eu lhe ferre uma atuação? Se quer, é só dizer-lhe.

Ao ouvir estas palavras, o Crainquebille encolheu os ombros devagar e deu-lhe um olhar doloroso, que ele levantou em seguida para o céu. E aquele olhar dizia:

— Deus me seja testemunha! Sou eu acaso um desprezador das leis? É a Ríome porventura dos decretos e posturas que regem o meu estado ambulatório? A's cinco da manhã, já eu estava no lado da Praça. Desde as seis que quero os meus nestes varais, berrando: *Comes, nabos, cenouras, etc.* Tenho sessenta anos feitos. Estou cansado. E você pergunta-me se ergo o negro pendão da revolta. Você está a manger, e a sua troca é cruel.

Ou porque lhe tivesse escapado a expressão daquele olhar, ou porque ele não achasse desculpa para a desobediência, o polícia perguntou com voz breve e rude se estava entendido.

Ora, neste preciso momento, era extremo na rua de Montmartr o embarço de veículos. Os trens de praça, as carroças, as galeras, os omnibus, os camións, uns contra os outros apertados, pareciam indissolúvelmente juntos e

organização, etc., greve que teve o seu início em todas as padarias da cidade. Um certo público ignorante, que só pensa na sua barriga e não olha para os outros, censurou o movimento da classe dos manipuladores de pão, assim como um tal Grémio União e Progresso, que não se sabe se é constituído por polícias, «formigões» ou quer seja, e que nunca ninguém deu pela sua existência nem viu qualquer acção contra as roub lreiras mercantis, protestou na imprensa contra os aumentos de salários — causa única, segundo o indivíduo, ou indivíduos que escreveram em nome dum grémio sem história e sem vida, do encarecimento da vida, dos gémeos, do aumento dos laparinhos que vivem, à tripa fórra, à custa do Estado, arruinando-o, arruinando-o, dispersando-o... muito patrioticamente. E como eu julgasse que isto de ser manipulador de pão era coisa parecida com *agorismo*, dirigi-me à Associação dos padeiros operários a perguntar qual seria a média dos seus ordenados. «Uns marcos 1510 centavos por dia», declararam-me um membro da direcção. Ordenados de 1540 diários, só o usufruam meia dúzia deles. «Poder-se há, da maneira em que as coisas estão, viver com semelhante remuneração?» E aqueles, grande parte, que andam ganhando 900 e 1000? Já vê que temos toda a razão nas nossas reclamações e os próprios industriais, apesar das suas recusas, a reconhecer também. Mas obteve esta informação, soube mais:

«Para nos serem satisfeitas as reclamações apresentadas não era preciso subir o preço do pão, nem tampouco reduzir-lhe o peso. A despeito dum poço que legaliza o peso do pão de trigo, o pequeno, em 50 gramas, ele estava, e está, a ser vendido ao peso de 30 gramas. Persistindo este desfalque com o consentimento das autoridades, é um abuso que ninguém quer ver, mesmo aqueles que entendem que não tem direito a comer, vestir, calçar, habitar um turgório e sustentar a prole. Mesmo que não sejam atendidas as reclamações sem agravamento do custo do pão os industriais não vão à ruína. O que eles se habituaram, como toda a gente que negocia, é a auferirem percentagens elevadas das quais não querem arredar pé. Ora os industriais de padaria ganham por três maneiras: pelo encarecimento do preço do pão, pelo roubo do peso e pela sua péssima qualidade: farinhas misturadas e falsificadas.»

E, como simples amostra, basta apen- citar que, a requisição do município, recolheram ao Aljube, os negociantes padeiros Joaquim Castro e António Lima, da rua de Serralves; Adão Pereira Campos e José Pereira Godinho, respectivamente das ruas da Mazonia e das Condições, por venderem farinha a um preço superior do que a câmara lhes tinha fornecido para o fabrico do pão dos pobres.

Um acordo que depois se rompe, agravando-se o conflito

As entrevistas no governo civil sucederam-se, defendendo ambas as partes em litígio os seus interesses. Ao fim de propostas e contrapropostas, de discussões variadas e acaloradas, pareceu chegar-se a um acordo, transigindo as autoridades um pouco. Assim os operários, quanto transitoriamente, aceitarão 50 %, o cumprimento integral do regime das oito horas, do descanso semanal, e dum quilo de pão para cada operário, permitindo o chefe do distrito que os industriais de padaria vendessem o pão de 250 gr. a 10, de 500 gr. a 18 e de um quilo a 36. Tinha ficado a assembleia em que, em vista deste acordo, a classe retomaria o trabalho. Porém, a assembleia magna, levando em linha de conta as padarias transactas e, portanto, desconfiando de que não fosse cumprida a palavra dada, deliberou não retomar o serviço sem os industriais respectivos porem o preto no branco, assinando um documento.

Os donos das padarias não levaram a bem semelhante atitude preventiva, pelo que se recusaram a satisfazer aqueles desejos operários — demonstração inofensiva de que os senhores proprietários dos estabelecimentos padeiros usavam de sofisma. Com a resposta condigna à nova intransigência dos industriais a assembleia magna dos manipuladores de pão resolveu romper o acordo, agravando-se o conflito. As reclamações, pois, passaram a ser 100 00 no salário actual, cumprimento das 8 horas e descanso semanal e um quilo de pão fino a cada operário.

As autoridades dizem tomar providências — Países miliares

As autoridades, impotentes para re-

Para se deixar estar no mesmo sítio

Crainquebille, uma razão demasiado considerável aos seus olhos para que a não achasse suficiente. Expôs-lhe com singeleza e sem arte:

— Com mil diabos! pois se eu lhe estou a dizer que estou à espera do meu diaheito!

O guarda 64 contentou-se com responder:

— Ai, você quer que eu lhe ferre uma atuação? Se quer, é só dizer-lhe.

Ao ouvir estas palavras, o Crainquebille encolheu os ombros devagar e deu-lhe um olhar doloroso, que ele levantou em seguida para o céu. E aquele olhar dizia:

— Deus me seja testemunha! Sou eu acaso um desprezador das leis? É a Ríome porventura dos decretos e posturas que regem o meu estado ambulatório? A's cinco da manhã, já eu estava no lado da Praça. Desde as seis que quero os meus nestes varais, berrando: *Comes, nabos, cenouras, etc.* Tenho sessenta anos feitos. Estou cansado. E você pergunta-me se ergo o negro pendão da revolta. Você está a manger, e a sua troca é cruel.

Ou porque lhe tivesse escapado a expressão daquele olhar, ou porque ele não achasse desculpa para a desobediência, o polícia perguntou com voz breve e rude se estava entendido.

Ora, neste preciso momento, era extremo na rua de Montmartr o embarço de veículos. Os trens de praça, as carroças, as galeras, os omnibus, os camións, uns contra os outros apertados, pareciam indissolúvelmente juntos e

## BRINDE

500 réis.

Sobre os preços expostos no anúncio da última página da

16, Sapataria S. Roque, 17

solverem o conflito, como sempre, mandam patrulhar as ruas, vigiar e provocar os manipuladores, e em última instância, mobilizam padeiros militares e encalçaram-nos pelas portas dentro das padarias particulares que, juntamente com mulheres e crianças, manipulam o pão que se põe à venda, péssimamente fabricado, indecentemente fabricado — o que causou, entre o público, gerais protestos contra tal nuseabunda política, que é impingida por um custo muito mais caro do que antes da greve, apesar de não serem satisfeitas as reclamações operárias. Além da pouca paciência, que os padeiros improvisados manipulam, ser vendida cara, é defraudada escandalosamente, com o consentimento das autoridades.

As ameaças continuam a fazer-se, mas a classe dos manipuladores parece estar na disposição de prosseguir na luta — a despeito dos redactores do *Journal do Norte* aconselharem, ao que lhes levou a notícia das últimas resoluções, a que retomasse o trabalho, conjuntamente com os seus camaradas, pois assim melhor seria para a classe, prometendo-lhes louvar a sua... pretensão.

A hora que termino estas linhas chegaram delegados de Guimarães e outras terras.

Os manipuladores de pão fazem um apelo às classes trabalhadoras para que os auxiliem materialmente. — C.

A BATALHA em Braga

Vende-se na BARBEARIA RIO.

Seguros sociais

Constituição dos tribunais de acidentes no trabalho em Braga e Evora

O conselho de administração do Instituto de Seguros Sociais aprovou a constituição dos tribunais de acidentes no trabalho de Braga e Evora, cujas pautas incluem assim duas entidades:

Braga — classe patronal: Vasco José de Faria, João Antunes de Guimarães, José Maria de Sousa Cruz, Augusto Costa, Guilherme José Peres, Casimiro José Carlos, Manuel Rodrigues Barbosa, António Augusto de Faria, Domingos Artur de Barros, José do Espírito Gonçalves Palma, José Ribeiro Martins, e Rosário de Silva. Classe operária: José Francisco Queiroz, António Augusto Rodrigues, João do Lima, Joaquim de Oliveira Quintas, Ernesto Gomes, João Gonçalves, José Veríssimo da Silva, Gaspar Aveiro Dantas Aveiro, António Joaquim de Sousa Rocha, António Barbosa, Joaquim Ferreira Simões, e José Duarte Prazeres, classe médica: drs. Veríssimo da Silva, Guimarães, Costa Júnior, João Dias Esteves e Joaquim José Lopes; companhias de seguros e associações mutualistas: Maria Braga da Cruz, Manuel António Esteves, Joaquim Alves Lopes e Paulo Joaquim Claro.

Evora — classe patronal: José Gomes Severino, Joaquim das Neves Severino, Gabriel Augusto Mendes, Artur Ferreira, Carlos Miguel da Costa, Alcides Salgueiro, Casimiro Augusto, Casimiro José Carlos, José Ferreira da Trindade, António David, António Alves, Luciano Joaquim Valério e Miguel Sardinha; classe operária: José de Sousa, Joaquim de Santa, António dos Santos, João da Moreira, Inácio dos Santos, José da Silva, Joaquim António Mendes, Tomás José Ferreira, José Joaquim Mendes e Manuel Oliveira Casaca; classe médica: drs. Manuel Lopes Gonçalves, José Duarte Prazeres, e José Veríssimo da Silva, Pereira Caetano e Jorge Barros Cipriano, companhias de seguros e associações mutualistas: João Eduardo Mendes Júnior, José Veríssimo da Silva, Casimiro e Alfredo Mendes Achilles Caetano.

DAMIÃO & C.

Especialidades em fatos, vestidos e chapéus para crianças.

57, Rua Garrett, 59 LISBOA

TELEFONE 2940

Solidariedade operária

A comissão incumbida de receber o produto das quotas a favor da mãe do operário da construção civil Manuel Ramos, foram entregues, até agora, as seguintes importâncias:

Transporte, 25,77; Café 5 de Outubro, 18,35; obra do Asilo Maria Pia 2,85; obra da Torre do Paço, 1,85; obra da Biblioteca Nacional, 4,60; Soma, 48,42.

Continuam a comissão todos os dias, das 20 às 25 horas, na sede da construção civil, recebendo o produto das quotas.

COLUNA ESPERANTISTA

Frutiga Selo. — Realizaram-se na segunda-feira, os exames do curso elementar de esperanto, ficando aprovados os seguintes candidatos: Luís Baptista, Augusto Dias, José António Simões, António Martins, Rui Ribeiro e João Veríssimo.

Co-vidam-se todos os operários a inscrever-se no novo curso, que findo, todavia, a segunda e sexta-feiras na sede da cidade, rua Paulo da Gama, 6, 1.

reunidos. E por cima da sua imobilidade, de fremente elevavam-se pragas e clamores.

Os coqueiros de praça trocavam de longe, e devagar, com os rapazes dos talhos, injúrias heróicas, e os condutores de omnibus, considerando o Crainquebille como, causa do empenho, chamavam-lhe «porro dum figa».

Entretanto, no passeio, comprimi-se curiosos, atentos à disputa. E o guarda, vendo-se observado, já não pensou senão em fazer ostentação da sua autoridade.

— Está bem, disse ele.

E tirou da algibeira um livro de notas sebo e um lápis muito curto.

Crainquebille seguiu a sua ideia e obediência a uma força interior. Era-lhe, ali, impossível avançar ou remar. A roda da sua carrocinha tinha-se desgrazadamente enganchado na duma carroça de leiteiro.

Exclamou, arrancando os cabelos por baixo do barrete:

— Nas se eu lhe estou a dizer que estou à espera do meu dinheiro! Isto é a azar! Raio de sorte! Raios partam o diabo!

Por estas expressões, que no entanto traduziam menos a revolta do que o desespero, julgou-se o guarda 64 insultado. E como, para ele, cada insulto revestia necessariamente a forma tradicional, regular, consagrada, ritual e por assim dizer litúrgica de «Morram as vacas!»

— Com que, então, disse «Morram as vacas!»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

## INTERESSES DE CLASSE

Pelo Sindicato Unico do Vestuário

Aos operários desta indústria em geral e aos manipuladores de calçado em especial

Já alguma coisa se tem dito e escrito, em prol da organização deste Sindicato. Seria de uma grande vantagem para as mesmas classes, porque centralizava todas as profissões da indústria. Afirmo, sem receio de desmentido, que esta ideia foi recebida menos convenientemente por alguns dos mais activos militantes da classe dos manipuladores de calçado. Alegam estes que não concordam, porque muito recentemente criaram a Federação do Calçado, Curos e Peles, e que querem ver o que dá. Mas, a seguir ao seu congresso de onde saiu aquele organismo efémero, se o II Congresso Operário Nacional, no qual se aprovou, em princípio, a criação de Sindicatos Unicos. E como o calçado faz parte integrante do vestuário — porque vestir compreende-se dos pés à cabeça — não faz sentido que se organize o Sindicato Unico do Vestuário sem que dêle façam parte os manipuladores de calçado. E a esta classe que eu peço que atente bem nas vantagens que estão disfrutando os Sindicatos Unicos já existentes.

Um Sindicato Unico do Vestuário sem que nele deem ingresso os manipuladores de calçado não é um Sindicato Unico, não é nada, e nem poderá existir com esse nome.

Dizem ainda os camaradas manipuladores de calçado que concordam em princípio, mas que se sentem bem com a sua Federação. Ora se concordam em princípio, é para lamentar que a sua Federação sirva de entrave à criação de um organismo que tem dado, noutras indústrias, tão bons resultados.

Mas, camaradas, como um Sindicato Unico Nacional substitui uma Federação Nacional de Indústrias, eu exponho aqui, para conhecimento de todas as classes e sem despirar para a comissão organizadora, ou direcção de qualquer Sindicato, o seguinte:

Crie-se o S. U. da I. do Vestuário, continuando a existir a Federação do Calçado, promovendo depois o Sindicato Unico um congresso nacional da indústria com ingresso dos manipuladores de calçado, onde se apresentaria a dissolução da Federação do Calçado, Curos e Peles e se criaria a Federação Nacional da Indústria do Vestuário.

E sendo assim a Federação do Calçado, Curos e Peles não serve de entrave; antes pelo contrário, adiantará trabalhos para a Federação que viria a substituí-la.

M. GUILLERME ALMEIDA

(Operário alfaiate sindicalizado)

O Sindicato Unico da Indústria de veículos

A nova fase da organização operária em Portugal, com a criação da C. G. I., veio trazer uma modificação da estrutura de vários sindicatos e, assim, a associação dos operários da indústria de carruagens, imersa num marasmo de há muitos anos, apesar de algumas conquistas já ter feito e de se ter conservado ao lado da central dos sindicatos, vai também formar o Sindicato Unico da Indústria de Veículos.

Numerosas dificuldades tem surgido comissão, que pretende realizar esse objectivo, e um dos obstáculos maiores tem sido o dos serralleiros desta especialidade, sendo a razão visível, porque existe um sindicato único da metalurgia. Tem-se realizado assembleias especiais por officios, e tanto os serralleiros como os ferreiros, como os carpinteiros de carroças, *carrosseries*, carruagens on seja de caixas, jogos e rodas, como pintores e estofadores desta especialidade, estão concordados com a formação deste sindicato único. A moção que isso propõe, da autoria da comissão administrativa, é baseada na nova orientação da construção civil das classes mobiliárias e doutras indústrias.

Camaradas insuspetos, militantes na organização operária, mais que uma vez me tem dito que se o sindicato de carruagens ou por outra o dos carruageiros, um sindicato misto, quando afinal, assim é entendido pelos artistas que trabalham em toda a espécie de carros, é considerado como um sindicato único de indústria, porque concentra dentro do seio operários que fabricam a mais simples carroça a mais bem montada carruagem, seja automóvel ou de tracção animal.

Assim, facilmente se verifica a possibilidade da existência do novo organismo, o qual será inaugurado brevemente.

Jaime MARTINS

Trabalhadores: Lede e propaga a BATALHA.

— Ai, você disse: «Morram as vacas!»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»

— Eu disse: «Morram as vacas?»



